

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS



E vai de virar o avião para a capital, em vez de o virar para o campo de batalha onde já estava farto de ver cair os seus colegas e decidiu metralhar o palácio do presidente para arrumar o assunto.

Mas teve tão pouca sorte (ou era tão azelha) que passando com o avião a razar o palácio e atirando para cima dele com quatro bombas, três delas foram cair no quintal por detrás do palácio, e a outra nem sequer se dignou rebeantar.

O piloto depois foi tranquilamente para casa, a pensar com certeza que o melhor seria passar a conduzir carros de bois, porque como piloto era um falhanço.

E o pobre Van Thieu, quando conseguiu sair da casa de banho mandou dizer que afinal os seus soldados eram um bando de conspiradores e de traidores, encerrou o aeroporto, porque ficou com pouca confiança nos pilotos, e declarou o estado de sítio. Foi para a rádio e disse que agora é que iam saber quem ele era, e que ia haver muita

porrada, e que todos fossem cedinho para a cama senão era pior.

É um brincalhão aquele Van Thieu...



na Conferência Preparatória da Cimeira Internacional sobre Energia em Paris exigiram energicamente que se modificasse imediatamente o nome e até mesmo o carácter da Conferência. Dizem que esta coisa de darem um destaque especial ao petróleo é uma pouca vergonha. Querem que se discutam todas as matérias primas, e nestas primas eles desejam incluir à cabeça também os produtos alimentares.

É porque até aqui ainda havia quem dissesse que não se ganhava p'ro petróleo, mas agora acham que a coisa está pior. Agora não se ganha para os morfos.

Daf a gente sugerir que a discutida conferência passe a denominar-se CONFERÊNCIA PREPARATÓRIA DA CIMEIRA INTERNACIONAL SOBRE AS COISAS QUE A GENTE NÃO TEM DINHEIRO PARA COMPRAR:

Ou talvez pensando bem, e como o título assim ficava muito comprido poderá ser CONFERÊNCIA GERAL DE TUDO.

Coitado do Van Thieu! Ninguém o ama, ninguém o quer... ninguém lhe chama de seu amor... Espera: isto era uma cantiga brasileira, e o Van Thieu está em Saigão que é um bocadinho longe.

Mas faz-me pena, acreditem. O infeliz que por sinal apenas queria ser imperador, e até há pouco tempo arrotava postas de pescada, porque tinha as costas quentes com o auxílio americano, começou a levar nas lonas à grande e... bom não se pode dizer que fosse à francesa,

porque a ventania veio de outro lado. Mas lá que comeu, comeu.

O Van Thieu tinha muita honra na sua aviação e todas as semanas mandava dizer que os seus pilotos eram dos melhores do mundo e que tinham arrazado não sei quantas aldeias no território dos seus inimigos, e afinal a coisa andava tão por baixo que agora um desses mesmos pilotos dum avião caça-bombardeiro, acabou por se chatear e decidiu acabar com o real castro do presidente Thieu.



ORA
VOTAR...



TEM VISTO
A
PROPAGANDA
ELEITORAL
NA T.V.?



Operário

EU VEJO, MAS ESTOU
À RASCA PARA
SABER QUAL É A
MELHOR... ELES
DÃO TANTO
CADA UM...



FINALMENTE
ACHEI UMA
VANTAGEM
DE SER CEGO...
SÓ É PENA
NÃO SER
SURDO!...

Cego

LA' NO TASCÓ
ONDE EU VEJO A
ORDEM É PERFEITA...
ESTAMOS TODOS
DE ACORDO!



Surdo

*Sele-
-espectador*

COMO?



Capitalista

NÃO ME LIXE



DIÁLOGO COM O MEU AUTOMÓVEL

Pois. Estou farto de entrevistar gente que diz sempre o mesmo. Gente que se finge muito atenciosa e depois diz coisas que não pensa. E o meia-leão do meu chefe de redação quando vê a entrevista que mal lê, costuma dizer assim:

— Bom, isto podia ter sido mais puxado. Mas vá lá. Se não sabe fazer melhor...

Claro que ele é uma besta que mal sabe ler, mas isso não interessa. Diz aquilo só para dizer alguma coisa. Depois quando a entrevista sai no jornal e as pessoas começam por toda a parte a falar nela (vocês sabem que toda a gente que lê as minhas entrevistas as discute acaloradamente) E se calhar a ironia-lhe dizer qualquer coisa que não gostaram, pronto. Cai o Carmo e a Trindade. Dezata a berrar que eu sou um ignorante, que escrevo c'os pés, ou sei lá mais o quê. Fascista, é o que ele é.



pre o mesmo. E hoje tomei a decisão de fazer uma entrevista de vanguarda. Vocês sabem que é uma entrevista de vanguarda? Não sabem? Então aprendam, e depois não se esqueçam de ir com o meu chefe e dizer-lhe que não perceberam. Porque se não perceberem, a culpa é vossa, e significa que a vossa educação foi lamentavelmente negligenciada pelo menos nos últimos tempos. Fiquem pois abendo que

eu hoje decidi entrevistar... um automóvel. É o que se chama uma entrevista surrealista. Percebem? Arre que vocês são brutos! Então ouçam, porque eu para vossa benefício, traduzirai os resultados. Sai portanto pela rua abaixo e claro não precisai de procurar nenhum carro em aspeção: a rua estava cheia deles. Torci o nariz à ver como qual havia de falar, e decidi-me por um Ford já meio

escanzelado que ali estava sujo e chateado como um porco. Bati-lhe no capô, e perguntei: — Então, meu velho: como vai isso? Ele revirou-me um farol que por sinal até tinha o vidro rachado e respondeu: — Como vai o quê, ó seu palerma? Esta mania que toda a gente tem de me tratar mal! Até sacana do carro... — Como lhe corre a vida! O que é que você pensa do

trânsito (achei que isto lhe devia interessar) e deste país novo! Perceba-me que o Ford meditava. Mas depois lá me respondeu: — Olhe, para me vir perguntar isso, você deve ser completamente parvo. Devia saber muito bem que para mim isto vai mal. — Vai mal? — Evidentemente! Então você não vê pela minha figura que eu sou de bastante alimento? Não me venham cá a falar desses lingui-nhas que dizem que para eles

você faz na vida?

— Eu sou jornalista...

— Jornalista? Não me faça rir que me doi a grêlia da frente! Então você é jornalista e não sabe as patifarias de que eu e os meus colegas fomos vítimas? Que espécie de jornal é o seu? Alguma folha de couve?

— Vá lá de insultos! Fique sabendo que eu sou jornalista dos Ridículos...

— Você é que é ridículo! Mas deixa lá que eu lhe explique, que é para você ficar mais instruído. Você sabe que a gente — cá a multa dos carros — já tinha uma vida desgraçada...

— Ah tinha?

— Pois evidentemente que tinha! Então você não vê as ruas por onde a gente tem que andar?

— É um gado de solas que não se ganha para a recachutagem! Covas por todos os lados, e pedras soltas à brava. O meu dono até diz que já andava com as tripas soltas dos cabides...

— Coitado... Lá isso é verdade...

— Pois é. Mas isso anda arto e menos. Cá por mim isso não me ralava muito porque tenho canetas fortes e lá fui sempre andando...

— E agora não anda?

— Como é que você quer que o meu dono me ponha a andar? Você não vê pela minha figura que eu sou de bastante alimento? Não me venham cá a falar desses lingui-nhas que dizem que para eles

chega uma litradazinha de cada vez! Esses acabam por beber mais vezes e no fim não são capazes de andar metidos do que eu ando, e sempre a ditar os pistões pelo radiador fora!

— Sim, vê-se que você deve ter força...

— Devo ter? Tenho mesmo! Mas de que me serve isso? Ao preço que está o nosso "branco" o meu dono só me pode dar de beber uma vez por semana, que é para passar o dia às hortas com a família. E mesmo assim, quando eu quero ir mais depressa, ele pisa-me logo os calos, e diz-me para ir mais devagarinho porque a bebida está cara...

— E está mesmo...

— Se está! Lembra-se de haver tempo em que a gente

enchia a pança com pouco mais dura nota de cem?

— Que saudades!

— É verdade, que saudades! Ah, mas agora é que eu me vou vingar do pirata do meu dono que já me tinha aqui abandonado há mais de três meses. Até aqui ele só aparecia um dia de tempos a tempos para me tirar a ferrugem dos eixos e dar um clister na bateria. E quando pensava que eu estava (le estava!) muito chateado, dizia-me: Deixa lá, pá, tem paciência! Bem vê-se com o que tu comes ou não te posso sustentar! Qualquer dia tenho que te trocar por um que coma menos... — Ingrato! Depois de tantas horas de prazer que eu te dei!

— Claro! O prazer das grandes velocidades...



ENTREVISTA

— O das grandes velocidades e o das grandes paragens! Então você já viu a largura dos meus bancos? Você já viu que num banquinho destes que é quase uma cama, o meu dono passou muitas semanas regaladas ali para os lados escuros de Monsanto?

— Ah, seu malandro!

— Eu? Chame isso ao meu dono! Mas agora, como lhe disse, vou-me vingar! Você já viu que agora que com esta nova lei da compra dos carros, o meu dono já não pode comprar outro?

— Não pode?

— Claro que não pode! Onde é que esse pelintra que mal tinha dinheiro para me dar de beber vai comprar um carro que tem que pagar num ano? Não me faça rir, que já lhe disse que me doi a grêlia. Olhe, que me dá um conselho?

— Diga lá!

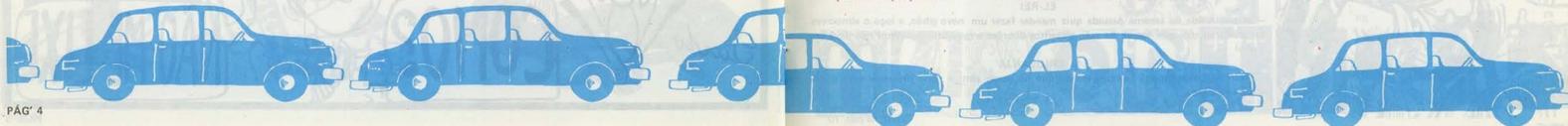
— Isso de ser jornalista não deve dar nada. Vá mais a para mecânico, porque vai ter muitos que fazer, a arranjar dentes os chavecos que estavam a en-



trar para a reforma. E depois...

— Talvez seja bo ideal!

— É sim senhor. E olhe, depois de-me aqui um jeito na grêlia, que é para eu me poder rir à vontade...





Crônicas medievais



EL-REI

— Minha amada esposa e senhora D. Briolanja! Que bem aperlata estades? Ides passear?

D. BRIOLANJA

— Não façades perguntas estultas, senhor meu esposo. Bem sabeides que vou hoje presidir a uma importante reunião da mais alta sociedade destes reinos.

ALDEGUNDES

— E eu também, papá. Como vêdes fizemos tudo para irmos o mais bonitas possível. . .

EL-REI

— Muito boa vontade tendes, na verdade. Tentaiades o impossível. . .

D. BRIOLANJA

— Francamente não sei porque vos empenhaiades sempre em desmerecer em apuro dos nossos trajes. Ficaide sabendo que a nossa presença nos últimos tempos tem sido muito requestada pela nobreza destas terras, e se isso acontece é porque certamente nos consideram como dignos adornos da sociedade. . .

EL-REI

— Pois que se adornem à vontade. Mas a que função ides hoje? E porque razão essa alta nobreza cometeu a ordinárice de não me convidar a mim, que sou o chefe da vossa casa?

A COISA

D. BRIOLANJA

— Não sejaiades ciumento dos nossos pequenos pequenos privilégios. Ficaide sabendo que para esta função nunca vós poderiades ter sido convidado. . .

EL-REI

— Mas porquê? Esqueceides acaso que um rei é sempre um rei, e que nada lhe pode ser vedado nem ele pode ser afastado de nada?

D. BRIOLANJA

— Ide contar essas histórias aos infieis que vos correram do trono vai para um ano! Também vos não quiseram na função deles. . .

EL-REI

— Não me lembreides tristezas, que já vou desesperando de voltar um dia ao meu antigo reino!

D. BRIOLANJA

— Também me parece. E uma das razões que nos moveu, a vossa estremosa filha e a mim, a começar a frequentar mais assiduamente estas reuniões da nobreza deste reino, foi que talvez não seja má ideia arranjar-mos qualquer ocupação onde ganhemos uns dobrões que tanta falta nos fazem. Bem sabeides a que preços estão os trajes e as victualhas!

EL-REI

— Se sei! Ainda na semana passada quiz mandar fazer um novo gibão, e logo o almocreve me declarou que sem ter ali na mão trezentos dobrões e quarenta maravedis não dava um passo!

D. BRIOLANJA

— Insolentes mercadores! Lembrar-me eu que no nosso antigo reino tínhamos tudo e não pagávamos nada. . .

ANTOLOGIA

APRESENTAMOS HOJE NESTA ANTOLOGIA UM DOS MAIS CONHECIDOS TRABALHOS DE GUERRA JUNQUEIRO N'A VELHICE DO PADRE ETERNO. A SUA MORDAZ INTERPRETAÇÃO DA CRIAÇÃO DO MUNDO.

Guerra Junqueiro

Jeová, por alcunha antiga — o Padre Eterno,
Deus muitíssimo padre e muito pouco eterno,
Tave uma ideia suja, uma ideia infeliz:
Pôs-se a esgaravatar co'o dedo no nariz,
Tirou desse nariz o que um nariz encerra,
Deitou isso depois cá baixo, e fez-se a Terra.
Em seguida tirou da cabeça o chapéu,
Pô-lo em cima da Terra, e zas, formou o Céu.
Mas o chapéu azul do Padre-Omnipotente
Era um velho penante, um penante indecente,
Já muito carcomido e muito esburacado,
E eis aí porque o Céu ficou todo estrelado.
Depois o Criador (honra lhe seja feita!)
Achou a sua obra uma obra imperfeita,
Mundo sarrafaçal, globo de fancaria,
Que nem um aprendiz de Deus assinaría,
E furioso escarrou no mundo sublunar,
E a saliva ao cair na Terra fez o mar.
Depois, para que a Igreja arranjasse entre os povos
Com bulas da cruzada, alguns cruzados novos,
E Tartufe pudesse inda dessa maneira
Jejuar, sem comer de carne à sexta-feira,
Jeová fez então para a crença devota
A enguia, o bacalhau e a pescada-marmota.
Em seguida meteu a mão pelo sovaco,
Mais profundo e maior que a caverna de Caco,
E arrancando de lá parasitas estranhos,
De toda a qualidade e todos os tamanhos,
Lançou-os sobre a Terra, e deste modo insonte
Fez ele o megatério e fez o mastodonte.

Depois, para provar em suma quanto pode
Um Criador, tirou dois pelos do bigode,
Cortou-os em milhões e milhões de bocados,
(Obra em que ele estragou quatrocentos machados)
Dispersou-os no globo, e foi desta maneira
Que nasceu o carvalho, o plátano e a palmeira.

.....
Por fim com barro vil, assombro da olaria!
O que é que imaginais que o Criador faria?
Um pote? Não; Um bicho, um bipede com rabo,
A que uns chamam Adão e outros Simão. Ao cabo
O pobre Criador sentindo-se já fraco,
(Coitado, tinha-feito o universo e um macaco
Em seis dias!) pensou: — Deixemo-nos de asneiras.
Trago já uma dor horrível nas cadeiras,
Fastio... Isto dá cabo até duma pessoa...
Nada, toca a dormi uma sonata boa! —
Descalçou-se, tirou os óc'los e o chinó,
Pitadeou com delícia alguns trovões em pô,
Abriu, para cair num sono repentino,
O alfarrábio chamado o Livro do Destino,
E enflanelando bem a carcaça cadaça,
Com o barrete azul-celeste até à nuca,
Fez ortodoxamente o seu sinal da cruz
Como qualquer de nós, tossiu, soprou à luz,
E de pança pró ar, num repouso bendito,
Espojou-se, estirou-se ao longo do infinito
Num imenso enxergão de névoa e luz doirada.

E até hoje, que eu saiba, inda não fez mais nada.



CONSELHOS DE BOM VIVER

Seja sincero com toda a gente... a dez por cento. E sempre bom ter uma boa reserva seja do que for!

Quando mentir, minta com a convicção de que está a dizer uma verdade. Saber mentir continua a ser uma grande virtude e os mentirosos convictos continuam a ter acatitação!

Quando tiver vontade de dizer duas verdades à sua mulher ou à sua sogra, cale-se. A verdade é só uma — a delas!

Não dê confiança a ninguém. Os abusos de confiança são aos montes neste Mundo!

Guarde sempre que fazer... e deixe lá os ditados. O trabalho não azeda — a comida, sim!

Quando alguém te disser que é teu amigo, faz que acreditas mas, põe-te a pau. Às vezes, pode ser que seja!

Acredita cem por cento nas mulheres que não conhecias. Com essas, nunca terás srifhos!

Se a falta de dinheiro lhe ataca o coração, use a carteira do lado direito. Há coisas simples que resultam sem necessidade de ir ao médico!

Não deites contas à vida — deite as contas para trás das costas e siga em frente. Alguém há-de pagar e, se for você... paciência!

Se for para casa fora de horas, não vá com medo. Nem sempre o rolo da massa (ou a vassoura) está atrás da porta e escusa de entrar logo vencido!

Sorria aos que estão por cima, sem rir dos que estão por baixo. O Mundo é uma bola...

Deixe que a sua sogra se zangue consigo mas, não se zangue com ela. Deste modo, será só ela a arreliar-se!

Cave na vinha e no bacelo... sempre que possa. E deixe lá falar quem fala... Muita gente é assim que se tem governado e continua a governar-se!

Respeite a sua mulher, sobretudo se ela é de respeito... O respeito é muito bonito... e sempre será melhor respeitá-la de livre vontade!

Não se fie em ditados que se pode tramar... Na maioria das vezes sabem todos errados!

Se tiver que escolher entre o dever e a honra, seja honrado e deva que é o mesmo que muitos fazem!

ARIM

NÓS ATRÁS DO ZÉ

NÓS ATRÁS DO ZÉ, E ELE SEMPRE AOS SALTINHOS TEMOS QUE FAZER MAIS COMICIOZINHOS:

SOMOS MUITOS, MUITOS, TODOS A AÇAR E ESTE SACANINHA SEMPRE A ESVOAÇAR!

NÓS ATRÁS DO ZÉ E ELE SEMPRE AOS SALTINHOS A QUEM DARÁ ELE OS SEUS VOTOZINHOS?

A GENTE BEM DIZ QUE É P'RA O AJUAR E ESTE SACANINHA SEMPRE A ESVOAÇAR!

NÓS ATRÁS DO ZÉ E ELE SEMPRE AOS SALTINHOS SEM LLIGAR NENHUMA AOS DISCURSOZINHOS!

COLAMOS CARTAZES EM TODO O LUGAR, E ESTE SACANINHA SEMPRE A ESVOAÇAR!



NÓS ATRÁS DO ZÉ E ELE SEMPRE AOS SALTINHOS NEM SEQUER REPARA NOS BONECOZINHOS!

VAMOS À TV P'RA O ALICIAR E ESTE SACANINHA SEMPRE A ESVOAÇAR!

NÓS ATRÁS DO ZÉ, E ELE SEMPRE AOS SALTINHOS SEM ACREDITAR QUE SOMOS AMIGUINHOS!

A GENTE BEM GRITA, ESTAFA-SE A BERRAR E ESTE SACANINHA SEMPRE A ESVOAÇAR

NÓS ATRÁS DO ZÉ E ELE SEMPRE AOS SALTINHOS VAI CADA VEZ MENOS AOS COMICIOZINHOS!

CHIÇA, TANTA PASTA ESTAMOS A GASTAR E ESTE SACANINHA SEMPRE A ESVOAÇAR...

NÓS ATRÁS DO ZÉ E O ZÉ A SALTAR SE CALHAR O GAJO ESTÁ-NOS A GOZAR!

A COISA

cont. da pág. 6

EL-REI

— Pois foi por essas e por outras que correram conosco! Mas que havemos de fazer?

D. BRIOLANJA

— Tereides de fazer como nós: procurar qualquer emprego compatível. Afinal alguma coisa haveis de saber fazer!

EL-REI

— Sabia reinar...

D. BRIOLANJA

— A reinar deveis estar vós agora, meu augusto esposo. Bem sabeis que isso foi chão que deu uvas...

EL-REI

— Uvas! Ai que saudades! Aqui nesta terra tropical não há frutas como as que havia na nossa...

ALDEGUNDES

— Eu gosto muito de goiaba! E também daqueles mangos pequeninos...

EL-REI

— Isso serão manguitos...

D. BRIOLANJA

— Não sejaides ordinário. Manguitos andam segundo dizem a fazer no nosso antigo reino esses infieis que se reúnem em ruidosas assembleias!

EL-REI

— Seja como for, o pior de não haver uvas é não haver também uma pinguita de vinho. Ainda vos lembrades daquele cartaxo que bebíamos na nossa corte?

D. BRIOLANJA

— Se lembro! E daquele que costumavam trazer por postilhão especial para o vosso fiel servidor D. Alonso Maçaneta que foi governador da capital do reino, e que às vezes vos enviava um garrafãozinho?

EL-REI

— Poucas vezes. Bem sabeis que para D. Alonso Maçaneta não havia briol que o vedasse!

D. BRIOLANJA

— Enfim... Saudades. Que haveremos de fazer? Se ao menos vós tivésseis um emprego bom, ainda poderíamos de vez em quando comprar a qualquer mercador uma botelhinha vinda do reino...

EL-REI

— Que dizeides à ideia de me oferecer ao rei destas terras, para o ajudar na governação? Bem sabeis que disso tenho eu prática...

D. BRIOLANJA

— Mas nisso não irá ele! Bem sabeis que haveis sido saneado e que isso não é boa recomendação para um emprego...

EL-REI

— Tendes razão. Mas de qualquer modo sempre seria uma prova de boa vontade da minha parte... Que dizeides se eu lhe tentar falar?

ALDEGUNDES

— Talvez não seja má ideia! Tereides de começar a frequentar os serões da nobreza, e lá por certo encontrareis algum gentil-homem...

EL-REI

— Boa ideia tendes, minha amada esposa. Esperaide um pouco que vestirei o meu gibão novo e vos acompanhareide a essa função onde ora ides...

D. BRIOLANJA

— Ah, não, meu amado esposo. A esta não podeis ir...

EL-REI

— Não posso ir? Acaso vós ides para algum atelier de bregeiros de donas?

ALDEGUNDES

— Que ideias tendes, papá! Acaso pensades que nós iríamos...

D. BRIOLANJA

— Deverieis ter vergonha de tais pensamentos, senhor meu esposo. Se vos digo que não podereis ir conosco, poderosa razão temos para o fazer...

EL-REI

— Seja qual for essa razão, ela não poderá pesar mais do que o meu régio poder sobre vós! Não vos esqueçades que sou a um tempo vosso esposo e pai, vosso real senhor, e senhor dos vossos destinos! Nada me poderá ser vedado!

cont. na pág. 11

FILOSOFIAS DE PATACO... TÁVEZ NÃO!

A peça de mobília que mais encolhe com o tempo é a cama de casal. A princípio, é larga em demasia — depois... é estreita que se farta!

O "outro mundo" deve ser mesmo melhor que este. Ninguém de lá volta!

Certas mulheres são, de facto, como se diz que são certos detergentes: fazem os homens "mais brancos" da massa cinzenta e, da outra "massa", também!

Os ricos também morrem é certo. Mas, "vivem mais" e melhor!

Nem sempre no meio está a virtude. Muitas vezes, já lá não se encontra!...

O Zé Povinho é como o pardal: todos comem e, ao fim e ao cabo, ele é que paga!...

Não ter "dez reis" de entendimento pode ser, muitas vezes, a virtude mais rendosa de qualquer pessoa!

OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PRÓPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição
R. Conde Redondo n.º 12.º LISBOA
Tel. 538585-537949-48668-563158

Impresso na Empresa do
JORNAL DO COMÉRCIO, S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
REGIMPRENSA
AV. D. JOSÉ I, LOTE 12
REBOLEIRA — LISBOA

cont. da pág. 10

Isto de dar conselhos de economia, quando a vida está barata, é fácil. Mas quando a gente vai à procura de morfos e no meio do caminho começa a pensar que talvez seja melhor ir comprar qualquer coisa à curivesaria, porque deve ser mais barato, é outra cantiga.

No entanto eu cá não tenho a mínima dúvida em vos dar de vez em quando um conselho de economia porque eu bem sei quanto custa a vida, e sempre gostei de ajudar as pessoas.

Ora uma das coisas que todas as pessoas gostam geralmente é de sopa de rabo de boi.

Eu até já comi uma vez num hotel do estrangeiro uma sopa de rabo de boi que segundo me disseram tinha sido a vencedora dum concurso de bom gosto entre um júri de apreciadores escolhidos lá da terra. Claro que em toda a parte há pessoas que gostam de rabo, quero dizer de sopa de rabo de boi, mas naquela terra parece que era o prato nacional.

E foi aí que eu aprendi a fazer esta sopa que agora vos vou ensinar a fazer nesta secção que é meio gastronómica meio económica e quando vocês experimentarem vão ver que não dão o tempo por mal empregado.

Sim porque nada neste mundo se faz sem tempo, e isto de cu-linária é uma ciência bastante melindrosa. Tira as mãos à sopa.

Ora a minha prezada amiga começa por aproveitar o seu próximo fim-de-semana para ir com a famelga dar um passeio pelos arredores e aproveitá-la para levar consigo uns temperinhos, para fazer um piquenique ao ar livre, porque agora na primavera até apetece.

Leva portanto a panelinha e não será asneira levar também o fogareiro de petróleo, se é que não tem um fogão a gaz portátil, que é preferível.

Depois quando chegar a um campo onde estejam uns bois a pastar, pede ao seu marido que pare o carro e escolhe o sítio do piquenique.

Põe as coisas todas em cima do cobertor, para não apanharem areia, e põe a panela ao lume, com um bom bocado de água.

Quando ela estiver a ferver, tira-a do lume, vai até ao pé do boi, e chega-lhe a panela ao rabo. Claro que ele não vai gostar, mas qual é o boi que gosta que ainda por cima de ser boi sente que lhe abusam do rabo? Por isso não se rale e se ele disser "Muuuuu!" não ligue.

Para a sopa ficar boa, o rabo do boi deve estar um bocadinho lá dentro.

Depois, quando ele já não aguentar mais, acabe de ferver, e sirva com miolinhos de pão.

D. BRIOLANJA

— Não seiajdes parvo. Hoje não podeis ir connosco, porque na realidade de uma função reservada a donas é.

EL-REI

— Bem me parecia! Que horríveis práticas andaijdes vós a fazer nas minhas reais costas?

D. BRIOLANJA

— Estamos-nos borrifando para as vossas reais costas. A função a que hoje vamos só donas poderão assistir, porque o que vamos decidir só a donas compete. . .

EL-REI

— Mas o que é? Para quê tantos segredos? Aquilo que vós fazeis também eu poderei fazer. . .

D. BRIOLANJA

— Pois ficaijdes sabendo que vamos dar o nosso voto para que nos inscrevam num dos partidos políticos que se criaram no nosso antigo reino. . .

EL-REI

— Ah, traidoras! Então vós acabais por vos aliardes aos meus inimigos! E posso saber a qual desses partidos ides dar o vosso traicoeiro apoio?

D. BRIOLANJA

— Podeis, já que assim o quereis. Vamos votar pelo partido das donas e donzelas.

EL-REI

— Que miséria! Que descalabro! E escolheis logo esse ignóbil partido!

D. BRIOLANJA

— Ignóbil? Não seiajdes pataroco! Lembraide-vos que de todos é aquele onde ainda a coisa anda mais direita. . .



EXPLIQUEM LA TUDO
O QUE SABEM, QUE
DEPOIS VOS
ENSINAREI
COMO E' QUE
FUNCIONA ESTA
MAQUINA QUE
TENHO NA
MÃO...



O OPORTUNISTA

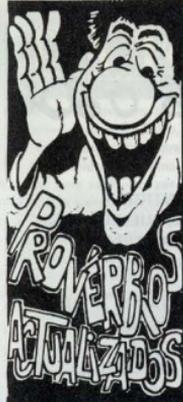
Antes de entrarmos na história propriamente dita — uma história breve, curtíssima e sucinta, dos nossos dias — devemos avisar que: qualquer semelhança com qualquer (ou quaisquer) outras(s) história(s) não é de nossa responsabilidade mas, sim, das reais coincidências que sempre acontecem neste Mundo. E, dado este esclarecimento, para que não subsistam dúvidas, vamos à história...

— Era uma vez um vulgar empregado — digamos, bancário, para lhe darmos profissão compatível, apenas, e sem ofensa para a classe. Façamos-lhe também a justiça de esclarecer que a sua vulgaridade não excluía uma certa dose de "lume no olho", atualizadas ideias sobre capital e a maneira de o conseguir, sem grandes esforços, dentro da situação ao tempo vigente. Assim, sozinho ou à sociedade com A.B.C.D. — ou com qualquer proprietário de outras letras do alfabeto português... ou não, pois como sabem este só tem vinte e quatro — começou a jogar na Bolsa, sobretudo quando o Doutor Marcelo até consentia que esta funcionasse nas ruas da Baixa e tivesse sucursais em qualquer "café", tasca ou banca de jornais, para que as diversas e simultâneas emissões de ações de Bancos e sociedades se escoassem. O negócio ia de vento em pópa — não só para o rapaz da nossa história mas, para muitos mais — o que até nem era condenável nem desonesto, convenhamos, pois o nosso purismo (oh, puros, onde estais, quantos sois?) não chega ao ponto de condenar quem, ao fim e ao cabo, se defendia com vista a arrecadar umas "massas" para o dia de amanhã, quando a vida, dia a dia, pedia cada vez mais fundos de subsistência e as incertezas futuras se vislumbravam sem necessidade de abrir muito os olhos. Quando as coisas são contingentes e o

ambiente propício, quem é que não se defende?... O pior é quando os lucros (e as hipóteses lucrativas), começam a subir muito, a cabeça e as pessoas desatam a pensar em ser capitalistas... E o dia-bó é quando, assim de repente, aparece um "25 de Abril" a estragar tudo, quanto às ideias capitalistas, momentaneamente... É de se ficar com as "pernas partidas", ou muito alquebradas, conforme o "capital-papel" em caixa... Foi o que terá acontecido ao rapaz da nossa história — que tinha uma boa mão-cheia de "papeis" e já não teve tempo de se desfazer deles... — ante os acontecimentos tão contrários aos seus sonhos capitalistas. Mas, nem todos nestas circunstâncias tinham (ou têm, como quiserem) em si aquela rapidez de reflexos que define um bom jogador em qualquer campo (desportivo ou não), virtude que, como se sabe, tem por base a oportunidade e o movimento certo na altura devida (devêda... ou de morte, nalguns casos). Isso foi o que não faltou (nem falta) ao nosso personagem, o qual agiu (e reagiu), da maneira mais conveniente aos seus interesses futuros — posto que, do passado, como as anteriores ideias já não era possível viver-se. Desenvolvendo, pois, uma ação rápida, elástica e oportuna, meteu-se no sindicato da classe, mostrou-se, insinuou-se e, às tantas, foi nomeado delegado sindical no Banco onde, a par das suas funções, desenvolveu tais negócios extras das ações (do Bip e outras), que não fazia sentido o rapaz vir para a rua, na hora do trabalho, jogar na Bolsa... pública! E pavoneia-se agora, na rua e no emprego, com um emblema esquerdista na lapela, perante os olhares benevolentes dos seus colegas e o espanto de alguns clientes que com ele jogavam, mais ou menos forte, nas ope-

rações extras da Bolsa. Como não pôde ser capitalista... virou algo (com a mesma terminologia ortográfica) no extremo oposto! E, pronto, acabou-se a história... oportunista. Se quiserem rir, riam; se

quiserem sorrir, estejam à vossa vontade; se quiserem ficar sérios e reflectir no caso, também não se privem disso e de tirar as vossas ilações. Quando não havia liberdade para se contarem certas histórias é que uma pessoa tinha que fazer tenção... Aora, é diferente, não acham? — muito embora continue a haver quem não goste de ser topado, evidentemente, pelo seu oportunismo!...



QUEM SAI AOS SEUS... NÃO SE PODE MANDAR CHAMAR PAI A OUTRO!

MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... QUE EM PENICHE, CAXIAS OU TRAFARIA!

QUEM MEUS FILHOS BEIJA... TALVEZ ME ESTEJA A MORDER!

A RICO NÃO DEVA... SE ELE TE DER COM QUE LHE POSSAS PAGAR!

MAIS FAZ QUEM QUER... SE O DEIXAR QUEM PODE!

QUEM DESDENHA... TANTO PODE QUERER COMPRAR COMO VENDER!

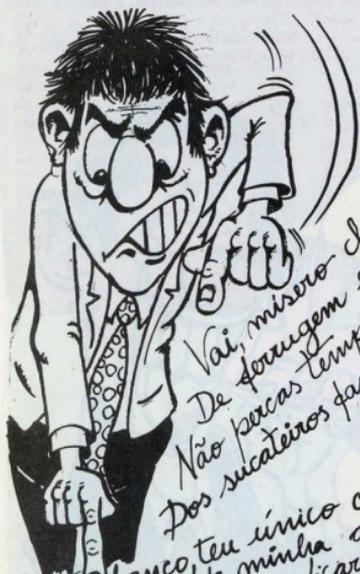
A MULHER É A SARDINHA... O QUE VIER À REDE É PEIXE!

EM ABRIL... 25!

EM OUTUBRO... TOCA À LIMPEZA!



Soneto a um automóvel ditado à margem



Vai, misero chavo escavacado
De forrugem enche-te livremente;
Não percas tempo enquanto te consente
Dos sucateiros farrinto ajuntamentos...

Este banco, teu único ornamento
Para sinal da minha dor somente
Lá no meu quarto ficara assente
Pra me lembrar de mil passeios ao vento
Descansa em paz, que em tendo algum
Há-de fazer, em letra de canção
Para aqui pôr, este amplexo letreço:



Aqui repousa no sopel/
da colina
Ospada meu eterno/
companheiro
Até eu lhe poder dar/
gasolina

Cartigas ó Fe!

CANTAR É MANIA ANTIGA
MAS, BASTAS VEZES, SUEM CANTA,
TEM UMA GRANDE CANTIGA
OU UMA GRANDE GARGANTA...

HÁ, QUEM CANTE E GANHE A VIDA
MAS, A PAR DISSO, PORÉM,
NUMA CANTIGA PERDIDA,
HÁ QUEM A PERCA TAMBÉM!...

NO MEIO DE CANTIGAS MIL,
O QUE É PRECISO É SABER
QUEM CANTOU NO MÊS DE ABRIL
PARA O "TACHO" DEFENDER!...

NEM SÓ QUEM CANTA A PRECITO,
TEM VALOR NO SEU CANTAR...
CANTANDO COM CERTO JEITO,
QUALQUER UM PODE AGRADAR!

É DAS MÁXIMAS ANTIGAS,
BASTAR SÓ UMA FAGULHA,
P'RA INCENDIAR CANTIGAS
E TRANSFORMÁ-LAS EM BULHA!...

QUEM CANTAR AO DESAFIO,
CONTRA OS DIREITOS DO POVO,
DEVE CORTAR-SE-LHE O PIO,
P'RA QUE NÃO CANTE DE NOVO!

SE QUIZERMOS NÃO VOLTAR,
A GRAMAR COISAS ANTIGAS,
TEREMOS SEMPRE QUE ESTAR,
A PAU COM CERTAS CANTIGAS!

QUALQUER POPULAR CANTOR,
TENDO O POVO A APOIÁ-LO,
SEJA LÁ CONTRA QUEM FOR,
PODERÁ CANTAR DE GALO!

NAS CANTIGAS, DEVE A MALTA,
NÃO EXAGERAR O TOM
MAS, CANTAR QUANDO FAZ FALTA,
EM ALTO, CLARO E BOM SOM!

HÁ MUITO QUEM, POR SEU MAL,
JÁ CANTASSE EM SOBRESSALTO
MAS, QUEM CANTA NO FINAL,
CANTARÁ SEMPRE MAIS ALTO!

ARIM

PARECE IMPOSSIVEL

Esta manhã tive em casa uma grave discussão. Claro, todos vocês podem dizer que isso não é novidade nenhuma. Não será para vocês que passam a vida a discutir por tudo e por nada. Até porque se calhar quando vocês dizem que tiveram uma discussão lá em casa querem mas é dizer que a mulher lhes chegou das boas ou porque vocês se demoram à tarde a chegar a casa ou porque piscaram o olho à vizi-

na do quinto esquerdo. Afinal as vossas discussões devem ser coisas desses tipos. Mas cá comigo, não. Cá comigo quando há uma discussão é pronto: Quem discute sou eu, e digo o que me apetece.

Esta manhã, por exemplo chamei-lhe tudo. Desde filha duma cadela até porca, ordinária, e badalhoca, chamei-lhe tudo. E julgam que ela disse alguma coisa? É o diabo! Ai dela se atreve a isso! Porque

ela bem sabe que ali em casa quem manda sou eu, e ouviu tudo de orelha murcha e de rabo entre as pernas, como se costuma dizer, porque se se atrevesse sequer a dar um pio, levava uma carga de porrada que nem sabia de que terra era.

Não que ela seja parva: Nem que deixe qualquer pessoa pôr-lhe o pé em cima do cachaco; mas como vos disse, eu, para ela, sou o dono, senhor e ao pé de mim... nem pio!

Gostavam de ser assim, não era? Meus amigos, isso não é para todos. Deu-me muito trabalho para a poder pôr assim. E muito embora vocês me chamem selvagem, machista, autoritário ou o que vocês quiserem, fiquem sabendo que eu não tenho vergonha nenhuma de vos dizer que tive muitas vezes

que lhe arrear porrada. Claro, nada a aleijar: mas algumas vezes tive que lhe arrear com o cinto, e até uma vez que ela

se quis armar em esperta dei-lhe um pontapé que a estendi no corredor.

Pronto, está bem. Eu sei que isso não se deve fazer. Todos os mestres dizem que elas se levam melhor pelo carinho do que pela força: mas eu cá para mim, sou um bocadinho de antigas; um bocadinho de elástico. E ainda hoje — já estamos juntos vai para dez anos — ainda muitas vezes lhe tenho que mostrar quem é que manda lá em casa.

E ontem por exemplo foi um caso desses. Quando eu cheguei não estava em casa. Procurei por todos os lados e não a vi. Bom, com certeza que saí. Realmente eu tinha visto a porta da rua encostada, e percebi logo que ela tinha aproveitado de eu não estar em casa para ir dar uma volta.

Ora ela sabe perfeitamente que eu não quero que ela vá para a rua sózinha. Foi sempre assim: E vocês bem percebem porque: a gente todos os

dias vê nos jornais o que se passa por essas ruas fora. Há sítios então, onde em certas alturas, se uma desgraçada passa ali sózinha nos atónticos cães atrás dela. E foi por isso que quando daí a bocadinho ela chegou tivemos a tal discussão, discussão, não foi. Disse-lhe o que me veio à cabeça e o que lhe valeu foi ela ter ficado caladinha como um rato, porque ela já me conheceu: já sabe que quando me sobe a mostarda ao nariz rebento como uma bomba e parece que ontem era um dos dias em que eu rapava do cinto e lhe dava uma carga de porrada. E não me venham cá com lamechices parvas: se eu tenho uma cadela para ir de vez em quando à caça, não é para ela se pirar para a rua quando anda com o cio e obrigar-me a ir buscá-la com a coleira e a trela na mão. E tenho a certeza que a minha cadela não torna tão depressa a fugir para a rua...

ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS

Nuestros hermanos — os nossos vizinhos aqui do lado continuam de dar "bocas" a respeito da nossa vida.

Agora foi a revista Mundo Social que publicou na capa um cupão para que os seus leitores nele escrevam o nome o partido político português que preferem.

Podem ser que seja a gozar, mas também pode ser que seja para matar saudades, e que seja uma espécie de jogo do "faz de conta".

Para já os espanhóis que não podem dedicar-se ao saudável desporto do voto na sua terra, podem entreter-se a fazer uma espécie de "Quinielas" que é como quem diz o Totobola lá deles a respeito das nossas eleições.

Vá lá, rapazes, aproveitem. Sempre é melhor do que nada...

Na Grécia uma dona de casa decidiu em virtude do aumento das rendas de casa montar uma tenda de campismo num dos jardins da cidade.

Claro que as autoridades lhe deram imediatamente ordem de levantar a "barraça" porque parecia impossível, porque bem devia saber que era proibido fazer tal coisa, porque mais isto e mais aquilo.

Mas a senhora Glorietta Sardo não esteve com meias medidas. Rapou do Código Civil e lá encontrou um artigo que diz que a prática do campismo é livre em todos os parques públicos de Itália. E como aquele jardim se chamava Parque dos Lilazes, ela alegou que ou modificavam o Código para explicar que onde se dizia "parques" se queria dizer "parques de campismo" ou se o não fizessem, a barraquinha continuava lá com plena aprovação do Código.

A questão levada a tribunal de polícia foi muito divertida, porque o advogado da senhora Sardo limitou-se a perguntar ao juiz se era ou não verdade que o Código se devia cumprir à letra. E como o juiz disse que sim, o advogado respondeu que nesse caso a sua constituinte estava cheia de razão. Estava num parque e o campismo era livre nos parques.

A esta hora os juristas andam a fazer serão para achar uma saída para o caso.



SUPER MANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"